

A Psicologia no Enfrentamento da Revolução da COVID-19

Sigmar Malvezzi

Universidade de São Paulo – USP; Fundação Dom Cabral

Izabel Hazin

Conselho Federal de Psicologia - CFP

Lisiane Bizarro

Sociedade Brasileira de Psicologia - SBP

Pandemias são epidemias que se espalham rapidamente pelo mundo. Virologistas anteciparam o risco de algum surto epidêmico, em larga escala, com consequências potencialmente devastadoras (Taylor, 2019), previsão confirmada na contaminação pandêmica pela COVID-19. Essa pandemia é considerada o maior problema de saúde pública dos últimos 100 anos pela Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, em menos de três meses, a propagação desse vírus deflagrou uma revolução na vida social e na economia cujos impactos e amplitude mobilizaram toda a sociedade, lhe oferecendo um autorretrato no qual despontam os desafios do país na construção de futura qualidade de vida.

Nesse retrato, aparece a equação paradoxal da sociedade brasileira. O desfrute de sofisticado avanço tecnológico associado à fragilidade de seu protagonismo do bem viver, sonhado pelos gregos para toda a humanidade. Alinhado a outros países, o Brasil também movimentou seus eventos em alta velocidade, pelo quase milagre da tecnologia digital, que virtualiza a realidade em redes globalizadas, movimentando-a em diversos fluxos que instrumentalizaram a propagação da COVID-19. Esse paradoxo revela a longa trajetória de estruturas e instituições que se debilitam embora tenham sido construídas no Brasil para capacitar o bem viver coletivo de sua população.

Esses problemas não decorrem somente das limitações das políticas públicas e do desempenho precário das estruturas e mecanismos que movem a sociedade brasileira, mas resulta, igualmente, da contradição implícita à tecnologia digital. Esta movimentou os eventos em alta velocidade comprometendo a adaptação necessária à sustentabilidade do ser biológico e das condições de sua existência em sociedade para manter a regularidade das propriedades e funções, sempre ameaçadas por eventos emergentes. A pandemia da COVID-19 expôs os riscos do Brasil para dar conta de sua própria sustentabilidade. Nela, a sociedade brasileira se revelou limitada no enfrentamento de duas demandas contraditórias: a continuidade dos movimentos econômicos que a sustentam e o isolamento social para bloquear a propagação da COVID-19, diante da falta de terapias, vacinas e infraestrutura hospitalar.

Embora a digitalização ainda esteja distante de muitos cidadãos, seus efeitos atingem, igualmente todos, porque impactam na regularidade dos recursos que o ser biológico necessita para instrumentalizar seu agir adaptativo. Essas demandas contraditórias decorrem da feroz competitividade econômica e da insuficiente gestão dos riscos à sobrevivência diante da invisível propagação da COVID-19. A força, rapidez e

invisibilidade desse vírus foram fertilizadas pelas equações de trocas criadas nas redes de comunicação digital, que atuam na subjetivação, na socialização, no imaginário coletivo e nos demais mecanismos implicados nas condições de existência coletiva. Os recursos próprios dessas redes capacitaram a COVID-19, para revolucionar o agir adaptativo, agregando novos riscos à sobrevivência e sustentabilidade da sociedade.

A Psicologia no combate à COVID-19

A ação da COVID-19 é revolucionária (do latim *revolutio*, "ato de revolver") por sua potencialidade para mudar abrupta e radicalmente o poder político, a articulação socioeconômica e a mobilização de todos os recursos para a existência em sociedade. Pandemias como a cólera e a gripe espanhola já promoveram revoluções com efeitos devastadores. Igualmente, a COVID-19, além das mortes, suscita o medo da infecção, a demanda de isolamento e a rearticulação da economia, impactando individual e coletivamente as condições que respondem pela sustentabilidade da existência em sociedade. A propagação da COVID-19 poderia ter sido mais administrável, porém seu aparecimento e ação foram rápidos, não permitindo preparos, terapêuticas e capacitação preventiva dos sistemas de saúde pública.

Em todo o mundo, a Psicologia – campo confiável, já legitimado e amadurecido de conhecimento científico e de ação profissional – se alistou de imediato, nas fileiras de combate à COVID-19, na capacitação da sociedade para sustentar as condições de existência coletiva, agora ameaçadas por múltiplas rupturas e perdas. Seus profissionais se mobilizaram, rápida, formal e espontaneamente, disponibilizando o seu arcabouço teórico-profissional para a compreensão e enfrentamento dessas rupturas e perdas, explicitando as cadeias de causas e de razões que lesaram a economia, a convivência e as vidas, comprometendo o agir adaptativo. Seus profissionais somaram forças nos cuidados com a saúde, no bloqueio das redes de contaminação e na superação das consequências do adoecimento pessoal, emocional e social.

O enfrentamento da ação revolucionária é difícil e piora, quando o adversário é invisível. A visão do inimigo favorece a segurança na escolha entre táticas ambíguas e energiza a criatividade que potencializa as estruturas e instrumentos que constroem a existência coletiva. Nesse contexto de inimigo invisível, a Psicologia tem sido um recurso acessível e confiável, como no mito do fio de Ariadne, para encontrar a saída do labirinto criado nesta revolução deflagrada pela COVID-19. A segurança que a Psicologia oferece, com seu acervo de conceitos e com a experiência de seus profissionais, desponta da riqueza de suas narrativas teóricas que explicam a existência individual e em sociedade em todos os seus mecanismos e do acervo de instrumentos para lidar com a conduta e a qualidade de vida. O conhecimento dessas narrativas instrumentaliza as pessoas e instituições no protagonismo do bem viver, construído através da prevenção e de soluções efetivas para recuperar perdas, sustentar os recursos e abrir novas veredas para o crescimento e a emancipação.

Se alguém acreditar em algum destino para o ser humano, este pode ser identificado na ininterrupta movimentação dos organismos. Intuitiva e cientificamente, sabe-se que os organismos funcionam e interagem, até mesmo, durante o sono. Esses movimentos revelam a condição pétreia do ser biológico que é o contínuo empenho na própria

sustentabilidade através de sua capacitação para o agir adaptativo. Em termos simples e ingênuos, entende-se por adaptação o conjunto de mudanças promovidas no ambiente e nos organismos para sustentar, desenvolver e movimentar a gestão de suas relações funcionais. A sustentabilidade da vida e do desenvolvimento humano dependem dessa gestão que se manifesta na eficácia do agir adaptativo e do desenvolvimento.

Através de seus movimentos o organismo humano cria as condições de sua sustentabilidade, sendo a saúde uma das mais relevantes por suas implicações na competência para o agir adaptativo, ou seja, na capacidade de movimentos do organismo para responder a todas as demandas de sua existência em sociedade. Para simplificar algo complexo, pode-se entender saúde como a contínua adaptação do organismo ao seu ambiente. Em geral, nas diversas culturas, a saúde é tratada como um predicado, fala-se que o indivíduo tem, ou não saúde, mas na verdade, saúde é um movimento contínuo de capacitação e de gestão da adaptação do organismo.

Esses movimentos e as mudanças que eles produzem constituem o agir adaptativo, revelando a condição humana, como um ser sempre incompleto, que age em busca da complementaridade que amplia e expande suas múltiplas propriedades e funções que sustentam sua sobrevivência e instrumentalizam sua emancipação. Essa complementaridade é encontrada nos movimentos dos organismos em suas trocas com o ambiente visando superar seu desgaste e energizar seu desenvolvimento.

As rupturas criadas pela COVID-19 afetaram diretamente a capacitação do organismo para esses movimentos, seja limitando a eficácia de suas funções, ou impedindo a necessária complementaridade, evidenciada em situações como a busca de água e de medicamentos. Os obstáculos aos movimentos e à complementaridade comprometem a satisfação das necessidades, básicas como do alimento, do abrigo e de carências sofisticadas como é o caso da paz social. As rupturas, diariamente, manifestadas na ação da COVID-19, dificultam a convivência e diversos movimentos necessários ao agir adaptativo. Isolamento, falta de apoio mecânico para respirar, perda do emprego, insegurança e particularismos que comprometem a saúde e a adaptação, impedem as trocas comunitárias que sempre foram esteios insubstituíveis da sustentabilidade da vida e de seu desenvolvimento.

A emergência da COVID-19 mobilizou todas as forças da sociedade, começando pelo conhecimento científico e técnico, em todos os segmentos que compõem a sabedoria e a prática da saúde em sua dependência dos comportamentos das pessoas. A resposta imediata da Psicologia a essa mobilização foi evidenciada na ampla promoção e publicação de pesquisas, no escrutínio de soluções emergentes, no levantamento e revisão de instrumentos para apoio individual e coletivo e em todo o espectro de serviços profissionais que a atenção à vida requer. Nessa mobilização, a Psicologia revelou sua participação na complementaridade profissional que alicerça a eficácia das profissões na construção da existência individual e em sociedade.

Essa mobilização da Psicologia apareceu em suas contribuições a todas as ações requeridas pelo agir adaptativo. Embora, o eixo causal da revolução deflagrada pela COVID-19 seja o processo de infecção, seus efeitos se desdobram na prevenção, no

controle dos riscos e nas consequências das diversas rupturas, como a morte, a perda do emprego e a depressão. Grande parte das cadeias de eventos implicados na revolução da COVID-19 é investigada e tratada no campo da Psicologia, em demandas tais como a disciplina social, a solidariedade comunitária, a compreensão do sofrimento, o apoio ao doente, a capacidade institucional e estrutural e o compromisso com a superação das perdas. Todas essas demandas são aspectos da conduta humana implicados na força disruptiva da COVID-19 e nos meios para seu controle. A propagação e incapacidade que caracterizam essa revolução, pedem compreensão dos problemas em suas relações com as cadeias globalizadas de causas e com os provimentos para a neutralização de seus efeitos disruptivos.

A virtualização dos eventos e sua estruturação em redes que se movimentam, veloz e globalmente, em fluxos emaranhados e interdependentes tornam a compreensão da sociedade, em suas causas e razões, em desafio quase insuperável, tal como evidenciado nos debates diários veiculados na mídia sobre as táticas para o bloqueio dos fluxos de propagação da COVID-19. Dentro de redes de eventos que se movimentam de modo rápido e interdependente, é difícil discriminar causas e identificar os pontos de intervenção visando sua regulação (Sutherland, 2013). Muitos aspectos da sociedade atual como sua economia e cultura, funcionam em ecossistemas autorregulados cuja dinâmica é dificilmente capturada e compreendida, até mesmo pelo Estado, protagonista responsável por sua gestão. Essa dificuldade é explicada pela porosidade e flexibilidade das fronteiras entre os eventos e da interdependência entre suas diversas causas. Dentro de sistemas autorregulados, as condições de existência tornam-se fluidas nas quais a única regularidade é a contínua mudança, criando ambiguidades para o ser biológico, que dificultam a compreensão e identificação de caminhos para dar conta da adaptação de suas competências, de seus vínculos, de suas metas e de seus padrões de equilíbrio (Esprit Editorial, 2019).

Hoje, o ser humano é desafiado a se adaptar à ampla ecologia de eventos que caracteriza a sociedade globalizada e digitalizada, na qual o agir adaptativo demanda competências acima de seus limites biológicos, como observado nas limitações de ajustes às recentes crises econômicas. Essa demanda explica a dificuldade de controle dos movimentos migratórios, da vida nômade, do trabalho atemporal e do parasitismo político, impactando direta e indiretamente, até mesmo em grupos e pessoas que gozam de estabilidade econômica, social e cultural. Levy (2019) batizou esses sistemas autorregulados de reinos sem território e sem rei, mas impactam com a pujança forças bélicas de nações poderosas. A COVID-19 tem todos os predicados para seu reconhecimento como um novo reino sem território e sem rei. Analogamente, o controle sobre a revolução da COVID-19 requer a mobilização de toda a sociedade, com todas as suas forças. A Psicologia é testemunha do repertório de queixas aos malefícios desses reinos constatados no sofrimento do nomadismo e da vida profissional atemporal, duas rotinas da sociedade digitalizada que dificultam a contínua adaptação do organismo ao seu ambiente e, portanto, comprometem a saúde.

O nomadismo da sociedade globalizada complica a superação das rupturas geradas pela COVID-19. No contexto dessa sociedade, os indivíduos não escolhem ser nômades, mas são levados a esse modo de vida, mesmo sem mudar regularmente de um lugar para

outro, como o fizeram, os Guaranis e os Beduínos. Nos ambientes fluidos, constituídos em redes integradas de eventos, os movimentos fluem em alta velocidade, obrigando pessoas e grupos a reações adaptativas contínuas e radicais, como se mudassem de lugar, levando em sua bagagem muitas incertezas e insegurança sobre seu amanhã. Eventos rotineiros como a demanda de novos aplicativos sinalizam a inevitável atualização de competências, de procedimentos e de hábitos, uma vez que diversos serviços rotineiros são mediados por esses instrumentos. Padrões de qualidade e critérios de avaliação são igualmente alterados impondo rearticulação das cognições, de opções de ação e de rotinas. Essas adaptações nas competências e nos julgamentos complicam a gestão das próprias identidades com impactos significativos no relacionamento interpessoal e no viver bem consigo mesmo. O indivíduo é cobrado na cristalinidade de sua identidade e, ao mesmo tempo, pressionado a mudar seus predicados identitários para se ajustar à fluidez dos grupos nos quais transita. A vida nômade requer contínuos movimentos adaptativos para responder à demanda de à validação da própria vida pessoal e social.

É difícil para indivíduos aculturados na vida nômade se ajustarem à rigidez da convivência no confinamento requerido pelo bloqueio da propagação da COVID-19, ou no teletrabalho *on line* (Abdelnour & Médas, 2019). Os hábitos da vida nômade na busca de ajustes meramente funcionais em suas rotinas e na legitimação dessas adaptações pelos grupos com quem o indivíduo tem interfaces dificultam compreensão do ambiente e criam particularismos que complicam as relações interpessoais e sua paz. Os riscos criados pela COVID-19 aumentam a insegurança cognitiva e emocional que caracteriza a vida nômade na sociedade atual, favorecendo a busca de soluções na orientação externa de gurus, técnicos (*coaches*) e consultores (Hochschild, 2013).

Na dimensão pessoal, a COVID-19 potencializa o sofrimento psicológico, seja pela facilidade de contágio, pela frequência e proximidade dos óbitos, pelo isolamento social, ou pela insegurança sobre colapsos no sistema de saúde. Ansiedade, medo e estresse estão presentes em pacientes positivados, em suspeitos, nos familiares e nos profissionais que atuam na linha de frente (Shojaei & Masoumi, 2020). Tais efeitos colaterais se somaram aos riscos biológico da COVID-19, com alta probabilidade de se perpetuar após o retorno às atividades. A revolução deflagrada por esse vírus criou um mundo diferente no qual as condições de existência em sociedade são redesenhadas. Na dimensão social, a distopia brasileira ganha novos nuances evidenciados no feminicídio e na violência contra outros grupos fragilizados. Exacerba-se a vulnerabilidade de populações já marginalizadas, migrantes, encarcerados e moradores de rua (Marques, Moraes, Hasselmann, Deslandes & Reichenheim, 2020; Okabayashi, Tassara, Casaca, Falcão & Bellini, 2020). A revolução da COVID-19 escancarou a injustiça na desigualdade social, implicando ainda mais a Psicologia no combate a seus efeitos por sua potencialidade e experiência na reconstrução dos sentidos e na identificação de novos caminhos para velhos problemas cujas condições foram renovadas pela sociedade digitalizada e globalizada.

Nessas condições, os cenários tradicionais do agir adaptativo são modificados pelas modalidades de interação remota. Trabalho, educação, serviços e convivência são redesenhados para se ajustar às novas modalidades de relacionamento e à mediação da

informação, às quais o próprio exercício profissional no campo da Psicologia está se adaptando. Esse exercício sempre foi, em grande parte, instrumentalizado pelo relacionamento face a face e pela conversação. As novas condições promovidas pela COVID-19 desafiam a Psicologia em sua contribuição à redução do sofrimento, à proteção dos vulneráveis, à ressignificação dos modos de trabalho, de aprendizagem e de relacionamentos sociais, requerendo reinvenção de sua instrumentalidade. A missão da Psicologia foi, mais uma vez, reafirmada pela COVID-19, em sua capacidade de atuação no contexto da digitalização e da velocidade com a complexidade das queixas em seus serviços e as rupturas interdependentes. Seus desafios seguem focados no desenvolvimento e fortalecimento dos sujeitos individual e coletivo, agora mais fragilizados dentro do mundo já rumando para a era do “transhumanismo”, pela inteligência artificial que caminha para intervir no agir adaptativo que o capacita para o bem viver e a emancipação (Touraine, 2018).

Conhecimento científico e justiça, aliados na era pós COVID-19

Diante dessa dinâmica movida pela COVID-19, a Psicologia, capacitada por sua maturidade, é desafiada a se reinventar no desenvolvimento de teorias e no ajustamento de suas próprias práticas profissionais diante da crescente virtualização e fragmentação geradas pela perspectiva da era “transhumana”. Como será a atuação profissional no campo da Psicologia em contextos nos quais a virtualização e a mediação das ferramentas-sistemas se intensificam e demandam a inclusão da dimensão virtual nos “settings” da clínica, do hospital, da justiça, dos dispositivos da atenção psicossocial, do ensino e de tantos outros cenários (Sammons, VandenBos & Martin, 2020)? A trajetória das instituições que representam a Psicologia brasileira mostra significativo acervo de competências e de garra para sua adaptação aos tempos pós COVID-19.

Essa trajetória da Psicologia revela aquilo que De Charms (1968) batizou com o nome de “segurança ontológica” que é o reconhecimento e confiança em sua própria força para o agir adaptativo. Essa segurança nasce da regularidade do fazer protagonista do sujeito. Quanto mais um indivíduo realiza, mais ele descobre suas potencialidades para realizar e desenvolver seu fazer nos desdobramentos de novas demandas do agir adaptativo. A história recente da Psicologia brasileira expõe essa força ontológica, para se reinventar na era pós COVID-19. Nessa era, o papel da ciência e da profissão no campo da Psicologia se atualiza e se fortalece no enfrentamento do atual paradoxo da sociedade brasileira.

A COVID-19 atinge todos, embora seus efeitos sejam mais complicados nas condições de maior vulnerabilidade (Santos, 2020). Essa complicação paradoxalmente fomenta o investimento na “consciência de comunhão planetária”, da “casa comum” e da justiça. A Psicologia, integrada às demais ciências comportamentais e sociais (Bavel *et al*, 2020) é chamada, mais uma vez para ampliar o conhecimento o sobre a existência em sociedade que depende da justiça superar as vulnerabilidades que potencializam a reprodução do desastre da COVID-19. Essa chamada não decorre apenas de seu desenvolvimento como ciência, mas igualmente de seu compromisso ético com a busca da justiça e do bem viver para todos (Chenneville & Schwartz-Mette, 2020).

Sigmar Malvezzi

Possui graduação em Psicologia (pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1969), Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1979), Doutorado em Department Of Behaviour In Organizations - University of Lancaster (1989) e Livre Docência na Universidade de São Paulo (2006). Atualmente professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, professor visitante da Universidade Icesi de Cali, professor visitante - Universidad de Belgrano e professor visitante - Universidad Tecnológica Nacional. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia do Trabalho e Organizacional, atuando principalmente nos seguintes temas: organização, trabalho, recursos humanos, globalização, gestão e psicologia.

Mais informações em: <http://lattes.cnpq.br/9251332435399660>

Izabel Hazin

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (1994), Especialista em Neuropsicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2002), Mestre (2000), Doutora (2006) em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco e Pós-Doutorado pela Université René Descartes - Paris V (2010). Atualmente é professora Associada 3 do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Neuropsicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Coordena o Grupo de Pesquisa LAPEN (Laboratório de Pesquisa e Extensão em Neuropsicologia da UFRN), Coordenadora do Programa Talento Metr pole do Instituto Metr pole Digital da UFRN. Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-gradua o em Psicologia da UFRN, Presidente do Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento (IBNeC), Vice Presidente da Sociedade Latino-Americana de Neuropsicologia (SLAN), Membro do XVIII Plenário (Conselheira) do Conselho Federal de Psicologia, integrante do GT da Anpepp Neuropsicologia. Bolsista de Produtividade do CNPq - Nível 2.

Mais informa es em: <http://lattes.cnpq.br/5496201609189471>

Lisiane Bizarro Araujo

Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisadora CNPq e Professora Visitante no Douglas Research Centre, Department of Psychiatry, McGill University (2019-2020). Psicóloga (UFRGS 1991), Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS 1995) e PhD em Psicologia (Institute of Psychiatry King's College London, 2000), com estágio de pós-doutorado em Farmacologia Comportamental (Institute of Psychiatry King's College London, 2000-2003). Docente permanente do Programa de Pós-gradua o em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004-atual). Editora Geral da revista Psicologia: Reflexão e Crítica (2005-2007, Avalia o Qualis Periódicos A1), Chefe do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade (2013-2015). Coordena o Laboratório de Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento (LPNeC), onde desenvolve tarefas experimentais e realiza estudos sobre viés de aten o, impulsividade, aten o, interferência emocional, tomada de decisão, autoregula o e ilusão de controle. Líder do grupo de pesquisa Psicologia Experimental, Neurociências e Comportamento da UFRGS, e membro do grupo de pesquisa Consórcio para Pesquisas em Obesidade da UFRGS. Membro Associado Pleno da Sociedade Brasileira de

Psicologia, membro da Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento, do Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Comportamento, da International Association for Applied Psychology e da Society for Neuroscience. Professora dos cursos de graduação e licenciatura em Psicologia da UFRGS. Leciona Processos Psicológicos Básicos; Divulgação da Ciência; Análise Experimental do Comportamento; Terapia Cognitivo-comportamental e supervisiona estágios. Consultora docente da Organiza! Empresa Junior do Instituto de Psicologia da UFRGS (2012-2018). Coordenadora do GT de Psicobiologia, Neurociências e Comportamento (2012-2014) e membro do Fórum de Políticas Científicas (2015-2016) da ANPEPP. Secretária Geral (2016-2017, 2018-2019) e Primeira secretária (2020-2021) da Sociedade Brasileira de Psicologia. Investigadora Principal de projeto da Wellcome Trust e Pesquisadora Visitante no Institute of Psychiatry, King's College London (2006-2010). Organizadora do I, II, III e IV Encontro Nacional de Processos Psicológicos Básicos. É mãe de uma menina nascida em 2008. Mais informações em: <http://lattes.cnpq.br/9136343287056870>

REFERÊNCIAS

1. Abdelnour & Médas (2019). Les Nouveaux Travailleurs des Aplis, PUF, Paris
2. Bavel, J.J.V., Baicker, K., Boggio, P.S. et al. (2020). Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response. *Nature Human Behavior* 4, 460–471 <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0884-z>
3. Chenneville, T. & Schwartz-Mette, R. (2020). Ethical Considerations for Psychologists in the Time of COVID-19. *American Psychologist*, Advance online publication, 1-11.
4. De Charms, R. (1968). *Personal Causation*. New York: Academic Press.
5. Esprit Editorial (2019). La transition permanente, Esprit, septembre.
6. Hochschild, A. (2013). *The Outsourced Self, USA*, ISBN-10: 1250024196
7. Levy, B-H (2019). *L'Empire et les cinq rois*, Paris, Edit de Poche.
8. Marques, E.; Moraes, C.; Hasselmann, M.; Deslandes, S.; Reichenheim, M. (2020). Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(40), 1-6.
9. Okabayashi, N.; Tassara, I.; Casaca, M.; Falcão, A. & Bellini, M. (2020). Violence against women and the femicide in Brazil - impact of social distancing for COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(3), 4511-4531.
10. Sammons, M.; VandenBos, G. & Martin, J. (2020). Psychological Practice and the COVID-19 Crisis: A Rapid Response Survey. *Journal of Health Service Psychology*, 46, 51-57.
11. Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina.
12. Shojaei, S. F., & Masoumi, R. (2020). The importance of mental health training for psychologists in COVID-19 outbreak. *Middle East Journal of Rehabilitation and Health Studies*, 7(2), e102846. <http://dx.doi.org/10.5812/mejrh.102846>
13. Sutherland, T. (2013). Liquid networks and the metaphysics of flux: ontologies of flow in an age of speed and mobility. *Theory Culture & Society*, v. 30, n. 5, p. 3-23.
14. Taylor, S. (2019). *The Psychology of Pandemics: Preparing for the Next Global Outbreak of Infectious*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
15. Touraine, A. (2018). *Nous Sujets Humains*, Paris, Seuil.